AS RASURAS EM REDAÇÕES DE VESTIBULAR:
DA TIPOLOGIA À ESTRUTURA DO PRODUTO FINAL

Dayane Rocha de Oliveira[1]
Andressa Kaline Luna de Oliveira Marques[2]
Profa. Dra. Adna de Almeida Lopes[3]

***Resumo**: O objetivo do presente trabalho é refletir acerca da tipologia das rasuras em 10 redações de vestibular, a saber, o texto dissertativo-argumentativo do ENEM, nos anos 2015 e 2016. A crítica Genética é um novo campo de estudos que vem ganhando espaço frente às correntes de pesquisa e teoria literárias. Seus pesquisadores são chamados geneticistas, que são responsáveis por analisar os processos durante a escrita. Como o ato de escrever exige muito empenho, paciência, conhecimento, tempo e outros requisitos; ele requer alguns rascunhos, os quais são esboços em que as correções ainda serão feitas até o surgimento do texto definitivo. À medida que o autor apaga algum termo ele acrescenta outro que julga mais apropriado para o seu texto; essa anulação, formada por intermédio da rasura, se transformará nas chamadas novas possibilidades de escrita, que serão aqui discutidas. Será feita, ainda, em uma redação, a análise do rascunho até a versão final a fim de compreendermos o percurso do escritor durante o processo de criação do seu texto por meio das rasuras presentes. Para estas análises, tomaremos como embasamento teórico os estudos dos geneticistas Grésillon (1991, 2007), a respeito da ligação dos manuscritos com as rasuras, bem como sobre a Crítica Genética e como esse campo de pesquisas trata os manuscritos; Calil (2008) com relação ao manuscrito escolar e as formas de rasurar; Willemart (1999) acerca de orientações possíveis para a análise dos manuscritos, e Antunes (2005) sobre a coesão e coerência no texto. Concluímos com esta pesquisa que as rasuras mais comuns em rascunhos de vestibulares ocorrem por **supressão** (111 vezes). Dos tipos de rasura, a **riscada** foi quem apareceu com maior frequência (187 vezes); já no papel, essas rasuras apareceram em maior proporção de forma **linear** (71 vezes). Este trabalho reflete que rasurar faz parte do processo da escrita e que todo o escritor produz ao menos uma rasura visando a inatingível perfeição do seu texto.*

***Palavras-chave**: Crítica Genética. Manuscritos. Rasura. Redação Enem.*

Introdução

A finalidade deste artigo é refletir sobre a quantidade de rasuras em redações do Enem de acordo com sua tipologia e, ademais, justificar o uso de algumas delas. Para tal objetivo, será feita a análise das rasuras presentes em todas as funções tipológicas, bem como no processo de referenciação presentes nos manuscritos, o qual foi encontrado na maioria das rasuras dos textos.

[1] Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura- PPGLL da Universidade Federal de Alagoas-UFAL. Graduação em Letras-UNEAL. Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa- FSH. Professora da SEDUC.
[2] Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura- PPGLL da Universidade Federal de Alagoas-UFAL. Graduação em Letras-UNEAL. Professora da Secretaria Municipal de São Miguel dos Campos, AL.
[3] Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2005). Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (1996) Graduada em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (1991). Professor Associado da Universidade Federal de Alagoas.

Discutiremos este trabalho mediante os estudos dos geneticistas Grésillon (1991, 2007), a respeito da ligação dos manuscritos com as rasuras, bem como sobre a Crítica Genética e como esse campo de pesquisas trata os manuscritos; Willemart (1999) acerca de orientações possíveis para a análise dos manuscritos, Calil (2008) com relação ao manuscrito escolar e as formas de rasurar e Antunes (2005), Koch e Elias (2006) sobre a referenciação no texto como processo coeso e coerente.

Neste trabalho, faremos um breve percurso histórico de como surgiu a Crítica Genética e como este campo de pesquisa trata os manuscritos modernos; falaremos, também, sobre a redação do Enem como manuscrito escolar, definido por Calil (2008), da qual temos como objeto de análise o rascunho da redação e os tipos de rasuras presentes nele. Serão apresentados, ainda, quais foram os processos metodológicos para a coleta do *corpus* e como se deu a análise, na qual refletiremos, primeiramente, sobre a quantidade de rasuras presentes no rascunho da redação do Enem e, posteriormente, acerca das rasuras que foram construídas sob o processo de referenciação por pronominalização, sinonímia, hiponímia e hiperonímia discutidas por Antunes (2005) e Koch e Elias (2006); ademais, serão discutidas as rasuras imateriais presentes em um manuscrito, o qual possuímos a versão final, visando descobrir quais eram as intenções do autor ao usá-las.

Por fim, serão apresentadas as conclusões deste trabalho ressaltando a importância da análise do manuscrito da redação do Enem, na qual o escritor tem uma limitação de tempo, espaço e tem o tema a ser escrito de forma surpresa, fatores esses os quais julgamos que influenciam na presença de rasuras.

1. Aporte teórico

1.1 A crítica genética e os manuscritos modernos

A Crítica Genética surgiu pela primeira vez em 1968 e seu estudo “confronta o que [o texto] é com o que foi, ao que teria podido ser, ao que quase foi, contribuindo, assim para relativisar [...] a noção de conclusão”(G.Genette,*Seuils*, 1987,p.369 *apud* Grésillon, 1991, p.8), assim, esse estudo contribui para não admitir ou tomar por completo o texto.

Para a Crítica Genética, é necessário confrontar a obra de todas as maneiras possíveis, levando em consideração o processo durante a escrita do texto (o escrever, apagar, rasurar, reler, acrescentar, etc.), ou seja, o que antecede e procede a sua escritura. O importante é “compreender processos de invenção intelectual e estética que [...] podem caracterizar um

gênero, um tempo, uma atividade cultural" (J.Neefs, "La critique génétique: histoite d'une théorie",1988, p.16 e 21 *apud* Gésillon, 1991, p. 8).

Para Grésillon (1991, p.8-9), a crítica genética é um campo de pesquisa em que se busca os manuscritos modernos - objeto de pesquisa da Crítica Genética - e tem como objetivo a descrição e exploração dos mecanismos de escritura. A pesquisadora relata que este novo campo surgiu através da compra de uma importante coleção de Haine, em 1966, feita pela Biblioteca Nacional e em 1968 o CNRS (Conseil Nationalde La Recherche Scientifique) criou uma equipe de pesquisadores "encarregada de classificar, explorar e editar essa coleção". Os especialistas dessa crítica julgaram que "não é o escrito final que está no centro de interesse, mas a escritura que se está fazendo, com suas infinitas dependências, pertinências e impertinências". Para eles, é importante narrar o antetexto com o conjunto das marcas conservadas. Assim, o geneticista "construirá hipóteses sobre a trajetória escritural do processo *da escritura*" (grifos nossos, p. 11).

Através de algumas metáforas citadas por escritores e poetas, Grésillon (2007) destaca a importância da análise dos manuscritos modernos. Esses manuscritos são os trabalhos feitos por escritores durante o processo de criação de suas obras, o escrever, apagar, rasurar, acrescentar, corrigir, entre outros termos que a autora define para a composição do seu trabalho, pois o ato de escrever é, sem dúvida, um trabalho complexo, a exemplo dos escritores que produzem um romance, uma vez que isso requer um trabalho árduo, minucioso e duradouro. Nesses manuscritos, segundo a geneticista, são encontrados vários "tesouros [...] em que se sucedem êxitos e fracassos, centelhas e desesperos, triunfos e errâncias de um sujeito frente à aventura da invenção" (GRÉSILLON, 2007, p.19) tesouros esses que poderiam levar o produto final a outros caminhos.

A crítica Genética é um novo campo de pesquisa que vem ganhando espaço frente às correntes de pesquisa e teoria literárias. De acordo com os pensamentos de Grésillon,

> A crítica Genética instaura um novo olhar sobre a literatura. Seu objeto: os manuscritos literários, na medida em que portam o traço de uma dinâmica, a do texto em criação. Seu método: o desnudamento do corpo e do processo da escrita, acompanhado da construção de uma série de hipóteses sobre as operações escriturais. Sua intenção: a literatura como um *fazer*, como atividade, como movimento (GRÉSILLON, 2007, p.19).

Seus pesquisadores são chamados de geneticistas e estes construirão hipóteses sobre os caminhos percorridos durante a escrita e sobre as inúmeras possibilidades no processo de criação. Mas, qual a finalidade de analisar os manuscritos modernos? Para tal questionamento Grésillon diz o seguinte:

> O manuscrito recobre uma zona de segredo, de desejo obscuro, alguma coisa da face noturna da obra que gostaríamos de colocar ao abrigo dos olhares indiscretos e *voyeurs* e, ao mesmo tempo, expor à luz do dia para comunicá-lo aos espíritos sutis. Da parte do pesquisador, há um desejo de comunhão: compartilhar do segredo da criação, descobri-lo e transformá-lo em conhecimento (GRÉSILLON, 2007, p.14).

Conforme as pesquisas de Grésillon, através do estudo dos manuscritos, poderemos saber os fracassos e vitórias do autor, seus pensamentos mais discretos, suas angústias, sua dificuldade em escrever, o que queria dizer, mas não disse, o tempo gasto durante a produção da gênese, enfim, diversos outros processos durante a escritura que, provavelmente levaria a obra final a outros caminhos.

Desta forma, analisar a gênese de uma obra ou um texto é muito importante, e mais instigante é saber quais foram os caminhos percorridos pelo escritor durante esse processo. Que parte do texto foi abandonada no caminho? E se esta parte estivesse presente na produção final, quais seriam os rumos da obra? Porque o autor escreveu seu rascunho em tópicos ou fragmentos? Por que ele rasurou determinado termo e substituiu por outro? Enfim, são inúmeros os pontos de análise de um manuscrito e, sem dúvida, transformada em teoria, a crítica genética abrirá um vasto campo de pesquisa para a análise do manuscrito, sejam escolares, literários, modernos, enfim, todo texto passa por um longo processo de criação até o produto final e isso não é fácil.

Assim, a crítica genética deve se tornar uma teoria, visto que já possui um objeto de pesquisa definido, sabe quais pontos analisar e por ser algo novo. Porém, parafraseando Grésillon, essa corrente ainda precisa esclarecer algumas dúvidas para definir seu futuro.

1.2 **A redação do Enem como manuscrito escolar**

Criado em 1998, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) objetiva avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica, usado atualmente para que o aluno adentre nas universidades, para participantes que pretendem concorrer às bolsas no ProUni (Programa Universidade para Todos) e também para os que pretendem obter o certificado do ensino médio. Para estes fins há a participação de um público variado quanto à escolaridade e à faixa etária. Uma das etapas da prova é a redação em prosa do tipo dissertativo-argumentativo a respeito de um tema de ordem social, cultural, política ou científica. O escritor da redação do Enem deve seguir algumas exigências e convenções, já que na língua escrita não dispomos dos recursos contextuais presentes na fala.

Esse texto deve ser construído na modalidade escrita formal da língua portuguesa, para isso, as ideias devem estar ligadas de forma coesa. Além disso, para que o escritor deixe seu texto mais articulado, ele precisa usufruir de estratégias coesivas, como a referencial, a elipse, a substituição e a lexical. Esses recursos podem aparecer antes da palavra (catáfora) ou após a palavra (anáfora), que serão analisados posteriormente através dos estudos de Antunes (2005).

No livro "escutar o invisível", o geneticista Calil (2008) faz uma abordagem comparativa entre os manuscritos literários, que são o objeto da crítica genética e os escolares, os quais são julgados como qualquer texto escrito por exigência da escola. Conforme os pensamentos do autor, o manuscrito escolar é:

> Todo e qualquer escrito mobilizado por uma demanda escolar, seja ele produzido à mão, à máquina ou no computador, seja ele escrito em folha avulsa, no livro didático, no caderno escolar de estudo de Língua Portuguesa, de Matemática, de Ciências, de Geografia, ou ainda uma breve nota, um bilhete, uma história inventada, um conto de fada reescrito[...] Enfim, o manuscrito escolar é tudo aquilo que, relacionado diretamente ou não ao ensino da língua portuguesa escrita, o *scriptor* produz na sua condição de aluno (CALIL, 2008, p. 24-5).

Neste trabalho, o pesquisador Calil diz que o aluno produz seu texto porque é orientado pelo professor e o faz pelo fato de isso ser solicitado pela escola. O autor faz uma comparação entre o escritor literário e o escritor escolar dizendo que mesmo o primeiro possuindo um saber acerca das várias áreas do conhecimento e o segundo ainda estar em processo de aprendizado, ambos possuem algo em comum que são as rasuras, ou seja, mesmo um escritor literário sabendo a norma culta da língua, conhecendo a história, a literatura a filosofia e demais áreas do saber, ele não consegue escrever um simples poema, sem ao menos uma rasura.

Seguindo esse pensamento, o texto dissertativo-argumentativo solicitado no Enem é, também, tratado como demanda escolar, uma vez que é através dele que muitos participantes adentrarão nas universidades. Esta escrita está se tornando mais frequente nas aulas de Português, principalmente através da inserção de projetos do governo nas escolas, como, por exemplo, as Olimpíadas de Língua Portuguesa e o concurso Jovem Senador, que trabalham a redação dissertativo-argumentativa e oferecem prêmios para o aluno que produzir a melhor redação. Entretanto, nas escolas públicas do estado, diante desse gênero textual, o professor de português encontra diversas dificuldades: o aluno diz não gostar de escrever esse tipo de texto ou simplesmente não aprendeu sua estrutura e, na pior das hipóteses, não possui um conhecimento de mundo, social, cultural, político ou científico suficientes para argumentar sobre o texto. Diante desses impasses, como o professor irá trabalhar na sala de aula a redação

dissertativo-argumentativa no processo de escrita e reescrita? Como o aluno irá produzir uma boa redação de acordo com as cinco competências exigidas pelo Enem se apenas a minoria aceita fazer a reescrita do seu texto na escola conforme orientação do professor? Fazer com que o aluno volte e corrija seu texto não é comum, cabe ao professor se empenhar mais e conquistá-lo para que esse trabalho seja efetivado.

Na prova do Enem, a qual faz parte da demanda escolar, o participante tem 5 h e 30 minutos para responder 90 questões relacionadas à linguagem, códigos e suas tecnologias, matemática e suas tecnologias e produzir a redação, o que deixa diversos participantes nervosos diante da situação em que se encontram: em uma sala com aproximadamente 40 pessoas e sob a vigilância de um chefe de sala e aplicador, fatores esses que acreditamos influenciar na quantidade de rasuras presentes no texto.

Analisando o pensamento de Calil (2008) sobre o fato de que mesmo os alunos estando em casa e livres para produzirem seus manuscritos e por mais que o professor não interfira, ele está escrevendo como aluno, pois foi demanda da escola. E que

> dificilmente deixará de ser uma situação em que se "escreve como aluno", em que se escreve a partir de uma solicitação externa, em que se tem uma forte limitação de tempo para sua produção, uma expectativa voltada para a aquisição das normas e regras, algum tipo de avaliação, em que se busca uma equalização entre o escrito de um aluno e seu nível de escolaridade, em que, em última instância, visa a certa homogeneização do escrito (CALIL, 2008, p.26).

Diante desse pensamento fizemos uma comparação com o manuscrito da redação do Enem, na qual o participador, como já mencionado, é avaliado em cinco competências - em que um dos fatores é a modalidade escrita formal da língua portuguesa - tem um limite de tempo para a produção do seu texto e ainda é surpreendido com o tema que irá dissertar.

Para a realização da prova, uma das regras do Enem é que o participante use apenas a caneta preta para responder às questões e produzir a redação; outro fator que influi na escrita é que o aluno tem apenas uma folha de rascunho para produzir a dissertação. Assim, para o comparte, além do limite de tempo, existe a limitação de espaço para a produção da dissertação e através do uso da caneta, geralmente, seu rascunho possui diversas rasuras, o que é diferente do manuscrito literário em que o escritor pode deixar seu texto de molho por anos, em diversos fólios e depois voltar a escrevê-lo, ainda assim, este possui diversas rasuras. Dessa forma, o tempo e os espaços para a produção do manuscrito escolar influenciam bastante em seu produto.

1.3 **Os rascunhos da redação do Enem e as rasuras**

Os manuscritos são o objeto de estudo da Crítica Genética e são analisados por possuir diversas riquezas e inúmeras possibilidades de outros caminhos até a produção final de um texto. Diante disso, serão analisados nos rascunhos da redação do Enem esses caminhos que o autor percorreu, pois neles são encontrados diversos tipos de rasuras, os quais, conforme os pensamentos de Grésillon e Calil serão, logo mais, conceituados e explicados.

A rasura é um fator sempre presente na produção de uma obra, uma vez que é praticamente impossível escrever um romance ou um poema, por exemplo, sem rabiscar, ao menos, uma palavra. É necessário escrever, apagar, substituir, acrescentar, corrigir, entre outros termos até que surja o texto e são esses processos analisados no manuscrito, os quais levam a vários questionamentos e possibilidades de análise: Qual o motivo de determinada rasura? Porque houve a substituição de um termo por outro? O que seria aquele borrão que o autor anulou de seu texto? Que caminhos o texto seguiria se tal termo que foi apagado estivesse no texto? Qual a importância e significado dos trechos escritos nas margens do papel? Essas e outras perguntas são, frequentemente, questionadas pelos geneticistas, os estudiosos da Crítica Genética.

De acordo com os pensamentos de Grésillon, o manuscrito carrega

> os traços de um ato, uma enunciação em marcha, uma criação se fazendo, com seus avanços e seus bloqueios, seus acréscimos e seus riscos, suas pulsões desenfreadas e suas reparações, seus relances e suas hesitações, seus excessos e suas faltas, seus gastos e suas perdas (GRÉSILLON, 1994 *apud* CALIL, 2008, p.33).

Nesses manuscritos, segundo a autora, são encontrados vários “tesouros estranhos [...] em que se sucedem êxitos e fracassos, centelhas e desesperos, triunfos e errâncias de um sujeito frente à aventura da invenção” (GRÉSILLON, 2007, p.19). Segundo as pesquisas da pesquisadora, através do estudo dos manuscritos, poderemos saber os fracassos e vitórias do autor, seus pensamentos mais discretos, suas angústias, sua dificuldade em escrever, o que queria dizer, mas não disse, o tempo gasto durante a produção da gênese, enfim, diversos outros processos durante a escritura.

O fato de uma pessoa ser denominada escritora não significa que o ato de escrever seja automático ou flua normalmente. Esse ato exige muito empenho, paciência, conhecimento, tempo e outros requisitos. Assim, o ato de escrever requer alguns rascunhos, que são esboços em que as correções ainda serão feitas até o surgimento do texto definitivo, os quais serão analisados pelos geneticistas.

Para Calil, estudioso da crítica genética,

> Os manuscritos mostram não somente a caligrafia, por vezes ilegível ou sombria, de um escritor, poeta, ensaísta ou cientista, mas toda uma série de especificidades que vão desde o tipo de papel, a tinta usada, o formato do suporte até o modo como acrescentam notas, introduzem frases, escrevem nas margens, executam suas rasuras, indicam trechos mal escritos, relevando desses dinâmicos documentos sua dimensão sem par. (CALIL, 2008, p.18-9)

Dessa forma, o manuscrito é um material rico, que traz o percurso "sombrio" no ato de escrever e, por isso, precisa ser analisado para observarmos as outras possibilidades de escrita que poderiam surgir se determinada rasura não estivesse sido substituída, contudo, nem todos os escritores sentem-se à vontade em ter seus julgados "erros" à mostra e isso acaba dificultando o trabalho dos pesquisadores.

Sobre a rasura, Grésillon diz que esta possui caráter paradoxal, uma vez que

> A rasura é simultaneamente perda e ganho. Ela anula o que foi escrito, ao mesmo tempo em que aumenta o número de vestígios escritos. É nesse próprio paradoxo que repousa o interesse genético da rasura: seu gesto negativo transforma-se para o geneticista em tesouro de possibilidades, sua função de apagamento dá acesso ao que poderia ter se tornado texto. (GRÉSILLON, 2007, p.97)

Ou seja, à medida que o autor apaga algum termo ele acrescenta outro que julga mais apropriado para o seu texto. Essa anulação, formada através da rasura, se transformará nas chamadas novas possibilidades de escrita.

Sobre a rasura, segundo os pensamentos de Willemart (1997)

> A rasura não indica simplesmente uma parada para consultar um dicionário, uma obra anterior, notas de leitura, uma gramática ou um jornal, o que realmente ocorre, mas ela assina em primeiro lugar **uma atitude negativa,** um "não gosto disso", uma impressão de falta ou de falha na escritura que empurra a mão para suprimir a escrita anterior por uma razão, muitas vezes desconhecida do próprio escritor (WILLEMART 1997, p.156 *apud* Calil 2008, p. 22).

Através desse "não gosto disso" há uma parada em que o escritor irá refletir e buscar seus conhecimentos para fazer a substituição do termo que julgou inapropriado para aquela parte do seu texto, ou seja, há um trabalho árduo na produção textual.

Para Calil (2008, p. 50) a rasura seria um indício de que o escritor interrompe em algum momento o processo de escrita "para voltar-se para o escrito para marcar, anotar, substituir, deslocar, acrescentar, escrever de outro modo algo que estava efetivamente escrito". O autor ressalta que esse retorno pode ocorrer durante ou após o processo de produção da leitura do que já havia sido anotado, destacando, assim, o caráter reflexivo da linguagem.

Mediante o trabalho de Calil (2008) e baseado no trabalho de Grésillon (2007), existem 4 formas de manifestação das rasuras em "Escutar o invisível" que são:

- Supressão: Quando um elemento escrito é simplesmente apagado.
- Substituição: Quando um elemento escrito é trocado por outro.
- Adição: Quando um elemento é acrescentado ao escrito.
- Deslocamento: Quando um elemento escrito é transferido de uma posição para outra.

Essas rasuras podem se manifestar de diferentes modos, conforme o autor:

- Rasura riscada ou apagada: casos em que se anula o que escreveu, de modo geralmente visível, permitindo ao leitor recuperar o texto rasurado.
- Rasura borrão: casos em que se anula o que foi escrito, mas que não se permite ler o que foi rasurado, cobrindo todo o escrito com uma mancha.
- Rasura branca ou imaterial: somente se tem acesso a ela pela comparação de versões sucessivas de um manuscrito, pois o *scriptor* a produz enquanto copia a versão anterior.

Tendo como suporte o papel, ainda consoante os pensamentos de Calil (2008) a rasura pode aparecer das seguintes formas:

- Rasura linear: apresentadas em uma mesma linearidade, em que um elemento pode ser riscado e imediatamente reescrito na continuidade da linha.
- Rasura sobrescrita: quando se escreve sobre aquilo que já estava grafado.
- Rasura interlinear: marcas feitas entre o espaço de duas linhas.
- Rasura marginal: escritos que aparecem à margem do texto.

A descoberta do processo de criação só é possível através dos tipos de rasuras feitas pelos escritores, rasuras essas que trazem ou provocam, de acordo com Willemart (1999, p. 169), o silêncio, em que o autor irá parar, analisar e usar todo o seu conhecimento adquirido para, depois de muito esforço, incluir algo novo.

Na escrita dos manuscritos da redação do Enem percebemos o desejo do escritor em buscar na escrita algo sempre melhor, seja um termo mais apropriado ao seu *status* social, uma palavra mais culta ou simplesmente uma melhor coesão textual.

2. Metodologia

Para a realização desse trabalho recolhemos 10 rascunhos da redação do Exame Nacional do Ensino Médio dos anos 2015 e 2016; um deles, o qual temos a versão final, foi doado por uma aluna do 3° ano do Ensino Médio do curso de redação da Escola Tarcísio

Soares Palmeira – São Miguel dos Campos - AL, os outros foram doados por um coordenador de local de aplicação da prova do Enem. Neste trabalho, fizemos a contagem das rasuras presentes e as separamos por tipo, de acordo com os estudos de Grésillon (1991, 2007) e Calil (2008) para verificarmos quais os tipos de rasuras mais comuns na redação do Enem. Fizemos, ainda, em uma redação, a análise do rascunho até a versão final a fim de compreendermos o percurso do escritor durante o processo de criação do seu texto por meio das rasuras presentes. Para estas análises, tomamos como embasamento teórico os estudos dos geneticistas Grésillon (1991, 2007), a respeito da ligação dos manuscritos com as rasuras, bem como sobre a Crítica Genética e como esse campo de pesquisas trata os manuscritos; Willemart (1999) acerca de orientações possíveis para a análise dos manuscritos, Calil (2008) com relação ao manuscrito escolar e as formas de rasurar, Antunes (2005) sobre coesão e coerência e Koch e Elias (2006) sobre referenciação e progressão referencial.

3. **Análise: Panorama descritivo e quantitativo dos manuscritos do *corpus* (selecionados/analisados)**

Nos 10 rascunhos foram encontradas rasuras de diversas formas conforme os estudos de Grésillon e Calil, expostas na seguinte tabela:

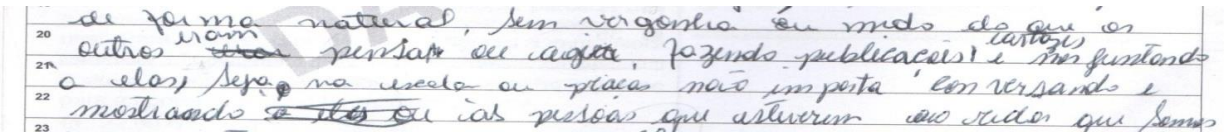
Manusc.	**FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DAS RASURAS**				**TIPOS DE RASURAS**			**APARECIMENTO DAS RASURAS NO PAPEL**			
	Supressão	**Subst.**	**Adição**	**Desloc.**	Rasuras riscadas	Borrão	Imaterial	Linear	Sobrescrita	Interlinear	Rasuras Marginais
1	5	6	4	2	11	0	2	1	5	1	1
2	9	11	5	0	16	0	0	5	4	3	3
3	5	6	3	1	10	0	0	4	1	1	1
4	7	10	3	1	21	0	0	6	1	2	0
5	9	11	4	0	21	0	0	6	5	1	3
6	16	15	0	0	23	3	0	12	0	8	5
7	7	7	1	0	9	4	0	5	1	0	3
8	24	13	4	1	35	9	0	13	6	5	4
9	15	9	0	0	21	1	0	8	4	2	2
10	14	8	5	1	20	0	0	11	1	3	2
Total	**111**	**96**	**29**	**6**	**187**	**17**	**2**	**71**	**28**	**26**	**24**

De acordo com a tabela acima, a forma de manifestação de rasura mais comum no rascunho da redação do Enem foi por ***supressão*** (111 vezes), que segundo Calil (2008) ocorre quando um elemento escrito é simplesmente apagado. Dos tipos de rasura, a ***riscada*** foi quem apareceu com maior frequência (187 vezes), já no papel, essas rasuras apareceram em maior proporção de forma ***linear*** (71 vezes) apresentadas em uma mesma linearidade, em que um elemento pode ser riscado e imediatamente reescrito na continuidade da linha, ainda de acordo com Calil (2008).

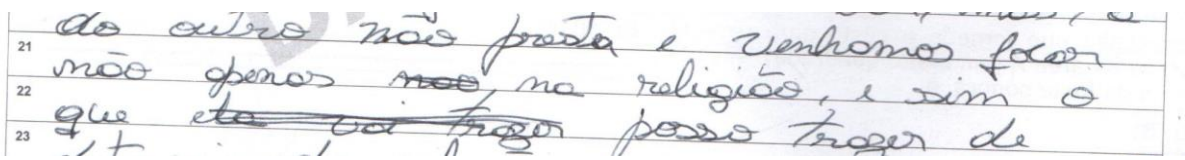
Sobre a referenciação, denominada por Koch e Elias (2006, p. 123) de "diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes" - as quais ocorrem nas rasuras da redação com bastante frequência e, por isso, iremos comentá-las - uma das principais estratégias de referenciação textual é o uso de pronomes ou outras formas de valor pronominal, que, ainda de acordo com Koch e Elias (2006) caso esse que aparece em grande parte das rasuras feitas pelos 10 escritores da redação do Enem. A substituição pronominal, segundo Antunes (2005, p. 87), pode aparecer depois do nome, o qual será retomado pelo pronome, que a autora denomina *anáfora*, caso esse encontrado oito vezes nos rascunhos analisados ou o pronome aparece primeiro e o nome depois, caso em que a pesquisadora chama de *catáfora*, caso ocorrido somente em um rascunho.

A substituição pronominal anafórica, de acordo com os estudos de Antunes (2005) se trata de recursos da substituição, por outro lado, Koch e Elias (2006) tratam esse fato como retomada, estas abordam que a troca de uma palavra por um pronome pode ser realizada através de recursos de ordem gramatical e Antunes (2005) trata essa troca como substituição gramatical, a qual pode ser exemplificada através de alguns exemplos encontrados nas rasuras das redações analisadas:

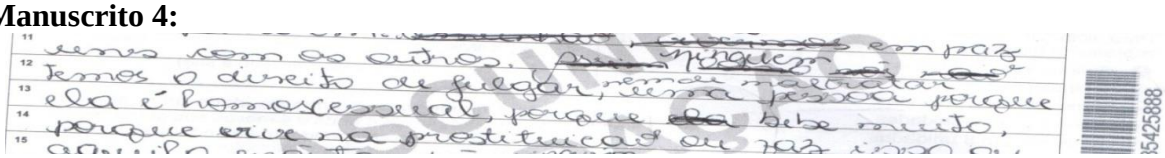
Manuscrito 2:



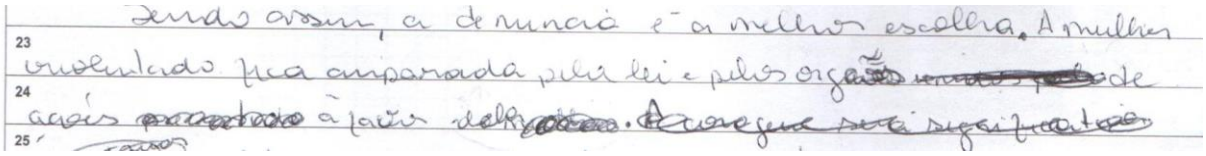
Manuscrito 3:



Manuscrito 4:



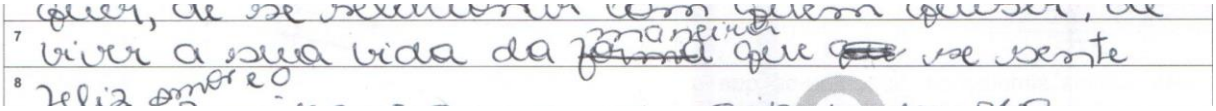
Manuscrito 8:



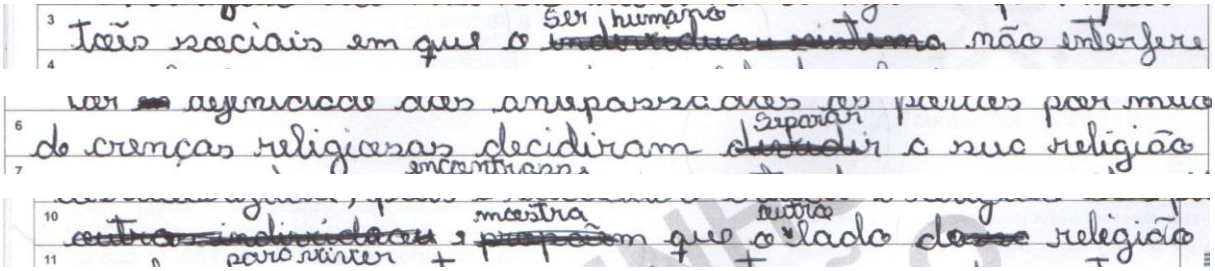
Segundo Antunes (2005, p.87), esses pronomes funcionam “como elementos de substituição, como elementos que asseguram a cadeia referencial do texto”, mas por qual motivo esses pronomes foram rasurados? Quais os caminhos que o autor queria alcançar? Acreditamos que o autor gostaria de deixar seu texto mais rico quanto à referenciação, e rasurou os pronomes pelo fato de ser uma troca mais comum ou para evitar a repetição do pronome, fazendo com que os autores mudassem alguns períodos para a elipse, que mediante os estudos de Halliday e Hasan (1976, *apud* Antunes 2005, p. 117) aparece como “um tipo particular de substituição, que os autores chamam de *substituição por zero”*, para Antunes “a elipse corresponde à estratégia de se omitir um termo” (ANTUNES, 2005 p. 118). Como no exemplo do manuscrito 4, linha13; os demais exemplos foram substituídos por novos referentes ou os pronomes foram simplesmente suprimidos e novos períodos foram introduzidos.

Outra ocorrência de rasura em comum nos 10 manuscritos é por meio dos recursos de retomada de ordem lexical definido por Koch e Elias (2006) ou os recursos de substituição lexical, definidos por Antunes (2005), ambos através de sinônimos, como nos exemplos abaixo:

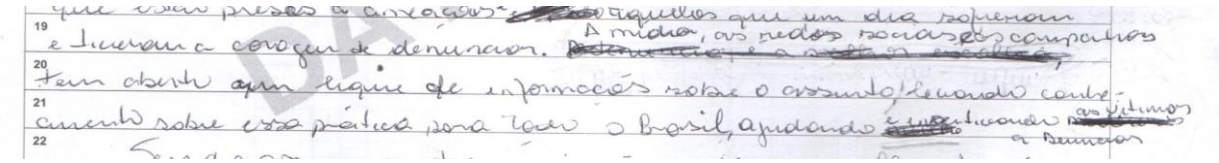
Manuscrito 4.



Manuscrito 7.



Manuscrito 8:



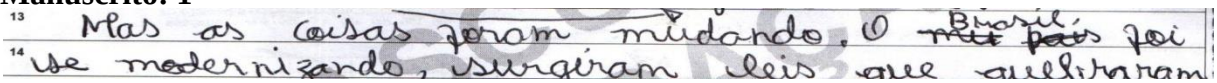
Poderíamos dizer que esses sinônimos foram usados para evitar a repetição de palavras, entretanto, segundo Antunes,

> A substituição não é apenas um expediente que se usa para evitar a repetição de palavras nem constitui um simples expediente de trocas de elementos no percurso do texto, mesmo que esses elementos sejam sinônimos. Substituir uma palavra por outra supõe um ato de interpretação, de análise, com o objetivo de se avaliar a adequação do termo substituidor quanto ao que se pretende conseguir (ANTUNES, 2005, p. 97).

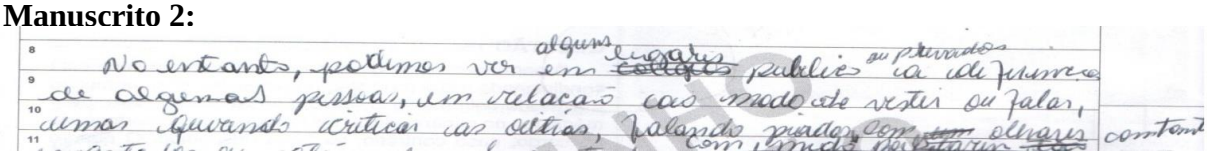
Nesses manuscritos, os escritores substituíram as palavras não somente para evitar a repetição, mas, no caso do manuscrito 8, em que o autor trocou *mulheres* por *vítimas*, foi, possivelmente, para enfatizar o problema vivido por diversas mulheres do nosso país. Se formos analisar o significado da palavra *vítima,* temos as seguintes definições, de acordo com o dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2008-2013): "Pessoa que morre ou que sofre pela tirania ou injustiça de alguém ou pessoa que foi assassinada, ferida ou atingida casualmente, criminosamente ou em legítima defesa ou por um acidente, catástrofe, crime, etc"., significado esse que se encaixa perfeitamente ao tema da redação de 2015, que foi "A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira", afirmando, assim, o que Antunes (2005) relata sobre a escolha das palavras na construção de um texto dizendo que "aquilo que determina, pois, a escolha do vocabulário é o assunto, o tema, o tópico do texto" (ANTUNES, 2005, p. 126).

Além das substituições por sinônimos, encontramos, em um manuscrito, a substituição por hiperônimo, quando substituímos uma palavra por outra de sentido mais geral, consoante Antunes (2005, p. 98), e também encontramos um hipônimo, em que o termo geral é substituído por um termo mais específico, como mostra o seguinte exemplo:

Manuscrito: 1



Manuscrito 2:



No manuscrito 1, o termo *meu país*, que é uma expressão de sentido geral (hiperônimo), foi substituído por *Brasil* (hipônimo); acreditamos que essa troca pode ter ocorrido devido aos problemas políticos e econômicos existentes atualmente no país. Por isso, o autor troca o termo "meu país", como um modo de dizer que não se orgulha mais de ser um

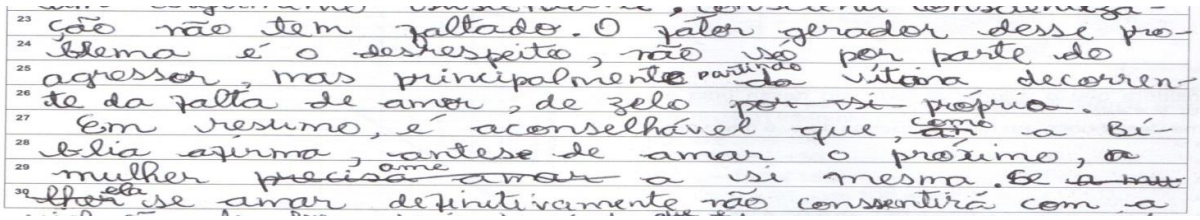
brasileiro trocando por “Brasil”, o qual julgamos que o autor deixa o texto mais impessoal não se incluindo como um brasileiro no atual período conturbado.

De forma semelhante, percebemos que, no manuscrito 2, o autor substituiu o termo *colégios* (hipônimo) por *lugares* (hiperônimo), visando informar que não existe apenas o preconceito religioso nas escolas, e sim em diversos lugares .

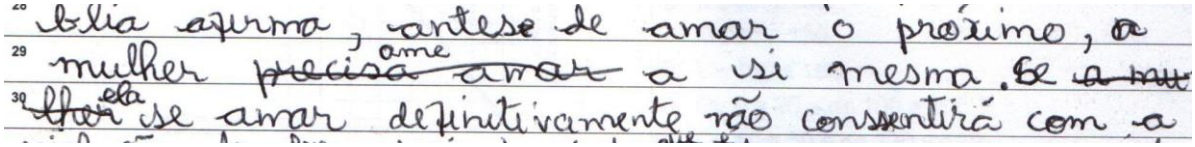
Percebe-se que muitos fatos do universo interferem na escrita durante uma produção, o que falamos ou escrevemos pode mostrar marcas do nosso “eu” e se analisa esses aspectos pelo que colocamos em nossos escritos; por exemplo, a substituição de um termo chulo por um mais apropriado, o qual seria analisado como uma demanda social em relação ao fato de ser um escritor, ou, no caso da redação do Enem, para dar mais coerência ao texto e evitar repetições.

Ainda sobre o manuscrito 1, o qual será analisado até a versão final, da participante *Dayana G. de Almeida*, foram encontradas rasuras de diversos tipos, com exceção apenas de rasura borrão. No seguinte trecho, podemos perceber a presença de várias rasuras, mas antes percebemos que há uma paráfrase - “expressões que sinalizam claramente que a mesma informação, o mesmo argumento, o mesmo item volta a ser dito, porém numa outra reformulação linguística” (ANTUNES, 2005, p. 62).- no último parágrafo, a expressão *em resumo* retoma algumas rasuras do parágrafo anterior:

Manuscrito 1:



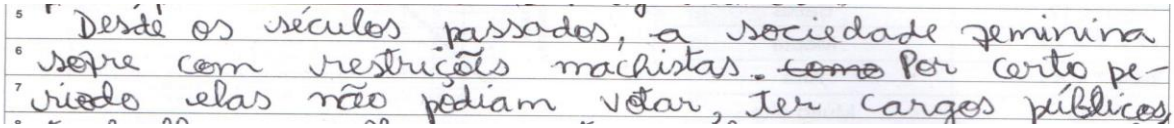
Manuscrito 1:



Neste trecho temos a substituição da locução verbal *precisa amar* pelo verbo no imperativo *ame*, que julgamos ter ocorrido por a autora portar-se diretamente para as mulheres que sofrem violências e lhes ordena a amar a si mesmas ou também para diminuir o texto, pois a autora já estava chegando no limite das trinta linhas. Na outra rasura se aborda uma substituição pronominal, segundo Antunes (2005), em que houve a troca da expressão *a*

mulher, pelo pronome *ela*, neste caso, supomos que seja para evitar a repetição da expressão, pois a autora já havia mencionado o termo uma linha antes.

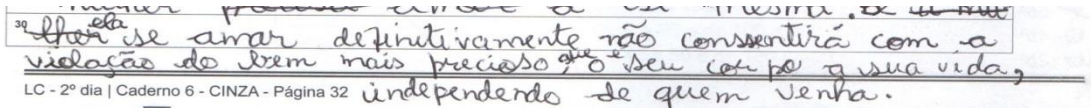
Ressaltamos, também, nesse rascunho, a rasura da conjunção *como*, que foi substituída pela expressão *por certo*:



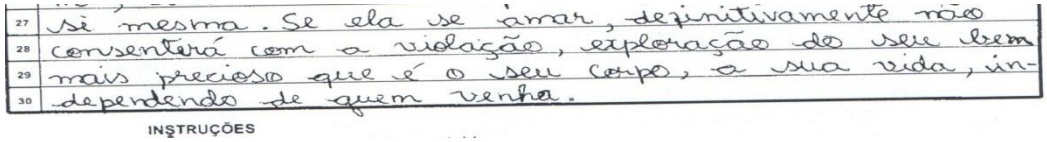
Essa rasura realiza-se por meio da relação de justificação ou explicação, que Antunes (2005, p. 157) relata que é "quando um segmento tem a finalidade de justificar, explicar ou esclarecer um outro segmento anterior", nesse caso, temos uma interrupção da explicação do termo anterior, que seriam as *restrições machistas*, o qual foi alterado para *por certo*, e que consideramos ser o que Antunes (2005) menciona como relação de temporalidade, "a partir do qual são localizados as ações ou os eventos em foco"; nesse caso, são acontecimentos que se sucederam em um tempo anterior. Neste exemplo, temos em evidência as limitações que as mulheres tinham em uma sociedade machista: não podiam votar, ter cargos públicos, etc. Para Antunes, "os conectivos são uma espécie de sinal, de marca que vai orientando o interlocutor acerca da direção pretendida" (2005, p. 144).

Por fim, temos duas rasuras imateriais no **manuscrito 1** que só foram percebidas por intermédio de uma comparação do rascunho com a versão final:

Rascunho:



Versão final:



As palavras *exploração* e *seu* foram, possivelmente, introduzidas no texto pelos seguintes fatos: primeiro, ainda ter espaço na versão final; segundo, pelo substantivo *exploração* se encaixar perfeitamente no tema, sendo um de seus significados, segundo o dicionário Priberam (2008-2013) "o abuso da boa-fé, da situação precária, da ignorância (de alguém, para auferir interesses)". No caso do pronome possessivo *seu*, cremos que foi usado para enfatizar que o corpo é da mulher e que ela deve ter poder sobre ele e não pode se fazer de vítima.

Conclusões

Diante dos assuntos abordados, é indispensável o estudo sobre os manuscritos, sejam literários ou escolares, visto que ambos carregam diversas possibilidades de análise. Sabemos que não é fácil escrever, todo texto passa por um longo processo de criação até o produto final, essa é uma atividade árdua, que leva muito tempo. O ato de escrever requer o uso da rasura, pois, como já mencionado, dificilmente escrevemos um texto autoral sem ao menos uma palavra equivocada ou apagamos para usar uma expressão mais apropriada ou outra que se adequa melhor ao tema a ser escrito. Percebemos, também, que diversos fatos presentes na sociedade interferem na escrita durante uma produção, como já mencionado, o que falamos ou escrevemos pode mostrar marcas do nosso "eu".

Na redação do Enem, o escritor tem uma limitação de tempo, espaço e tem o tema a ser escrito de surpresa, fatores esses que julgamos influenciar bastante na presença de rasuras. Com relação às escolhas lexicais e gramaticais, elas são substituídas porque os autores queriam se adaptar melhor ao tema que estão escrevendo, evitar repetições, bem como para dar mais coesão ao seu texto.

Enfim, são inúmeros os pontos de análise de um manuscrito da redação do Enem e, sem dúvida, é muito instigante saber quais foram os caminhos percorridos pelo escritor durante o processo da escrita.

Referências

ANTUNES, Irandé Costa. Lutar com palavras: coesão e coerência. São Paulo: Parábola, 2005.

CALIL, Eduardo. **Escutar o invisível: Escritura & poesia na sala de aula**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

"EXPLORAÇÃO", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, https://www.priberam.pt/dlpo/explora%C3%A7%C3%A3o [consultado em 18-12-2016].

GRÉSILLON, A., **Elementos da Crítica Genética: Ler os manuscritos modernos**. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck, Letícia Cobalchine, Simone Nunes Reis, Vicent Leclerq; *supervisão da tradução de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard; prefácio de Philippe willemart*, Porto Alegre, editora de UFRGS, 2007, 335 p.

_____. **Alguns pontos sobre a história da crítica genética**. 1991

KOCH, Ingedore Vilaça. **Ler e compreender os sentidos do texto**/ Ingedore Vilaça Koch e Vanda Maria Elias. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

"VÍTIMA", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, https://www.priberam.pt/dlpo/v%C3%ADtima [consultado em 17-12-2016].

WILLEMART, Philippe. **Bastidores da criação literária.** São Paulo: Editora Iluminuras LTDA, 1999.